

Quos da resistência

CAPÍTULO 1

Capítulo 1: Sob a Sombra dos Arranha-Céus

Tiê caminhava pelas ruas escuras, disfarçada sob um capuz que escondia seus traços marcantes. Alta e de postura imponente, seus olhos profundos refletiam a força de quem já enfrentara muitos desafios. Ao virar em um beco estreito, seu coração batia forte enquanto se aproximava de uma porta discreta. Os edifícios ao redor estavam cobertos de fuligem, e as ruas eram desertas devido ao toque de recolher, exceto pelos ocasionais montes de lixo que formavam sombras ameaçadoras.

A cidade ao redor estava em ruínas. São Paulo havia se transformado em uma metrópole sufocada pela poluição e pelo calor. Tempestades de areia e enchentes frequentes tornavam a vida um desafio constante. Os super ricos, protegidos em suas cidades verticais, estavam completamente alheios ao sofrimento aqui embaixo.

A porta se abriu, revelando Luana, uma mulher de cabelos cacheados que brilhavam à luz tênue. Seus olhos, sempre atentos, mostravam uma mistura de preocupação e determinação. Ela vestia uma jaqueta reforçada, adequada para os perigos da cidade. Luana a guiou para dentro de um esconderijo abarrotado de mapas detalhados da cidade.

"Você tá bem?" — perguntou Luana, um leve sotaque mineiro colorindo suas palavras, enquanto seus olhos escaneavam Tiê, procurando por sinais de ferimentos.

"Estou. Só mais um dia no inferno, né?" — respondeu Tiê com um sorriso cansado, enquanto tirava o capuz e revelava sua longa trança negra. Ela passou a mão pelos cabelos, tentando aliviar a tensão acumulada.

Dentro do refúgio, a atividade era intensa. Nilo estava concentrado em um rádio velho, ajustando as frequências com precisão quase sobrenatural. Cris, musculoso e cicatrizado, ajustava uma arma improvisada com movimentos meticulosos. No canto, Kai pintava um mural vibrante, suas roupas sempre coloridas contrastando com a escuridão do ambiente. O cheiro de tinta fresca misturava-se com o ar viciado do abrigo.

A população comum lutava para sobreviver. A cidade estava dividida em três classes sociais. A burguesia iludida vivia um pouco melhor, recebendo cestas básicas mensais do governo. Essas pessoas seguiam fielmente o regime, acreditando estar próximas dos super ricos, mas na verdade estavam tão vulneráveis quanto o resto. A maior parte da população, no entanto, vivia na miséria, reprimida pelo governo fascista de extrema direita que usava a Bíblia para justificar a perseguição a minorias, especialmente à comunidade LGBTQIA+.

Tiê observou cada um dos membros da resistência, sentindo uma onda de orgulho e responsabilidade. Eles estavam ali por causa dela, acreditando na promessa de um futuro melhor.

"Temos que nos preparar. O governo tá apertando o cerco," disse Tiê, sua voz firme ecoando no refúgio. A gravidade de suas palavras silenciou os murmúrios no abrigo.

"Já temos um plano. Nilo conseguiu acessar informações cruciais," respondeu Luana, seu tom sério mas esperançoso. Ela lançou um olhar significativo para Tiê, seus olhos transmitindo confiança e algo mais profundo.

Nilo se levantou e mostrou um mapa da cidade, destacando um depósito de comida do governo. Seus olhos brilhavam com a excitação do desafio, mas havia também uma sombra de preocupação.

"O governo está transferindo cestas básicas para a burguesia. Precisamos interceptar essa entrega e levar esses alimentos para o abrigo. Depois, distribuiremos para as populações mais carentes que não conseguem trabalhar por serem LGBTQIA+ e que ainda correm o risco de desaparecerem caso sejam descobertos," explicou Nilo, seus olhos varrendo o rosto de cada um, buscando confirmação.

Kai sorriu enquanto continuava a pintar, seus traços fluindo com naturalidade. Eles eram uma visão de esperança em meio ao caos, suas mãos sujas de tinta como um artista em um campo de batalha.

"Vou espalhar nossas mensagens pela cidade. Eles não vão saber o que os atingiu," disse Kai, sua voz carregada de determinação.

Cris, sempre o primeiro a se voluntariar para a linha de frente, ajustou a alça da mochila cheia de equipamentos. Seus olhos escuros estavam fixos em Tiê, esperando pela próxima instrução.

"E eu cuidarei da segurança externa. Tiê, você lidera a infiltração."

Tiê assentiu, sentindo o peso da responsabilidade.

"Perfeito. Vamos mostrar a eles que não estamos sozinhos."

Antes de sair, Tiê se aproximou de Luana. Por um momento, a dureza em seus olhos suavizou. Luana sorriu, um sorriso que Tiê sempre considerou um refúgio em meio ao caos. A proximidade entre elas era um bálsamo, uma lembrança de que ainda havia algo puro pelo que lutar.

"Depois disso, a gente vai ter um tempo só pra gente, né?" sussurrou Tiê, segurando a mão de Luana. Seus dedos entrelaçados comunicavam uma promessa silenciosa de amor e resiliência.

"Só se você prometer me levar pra ver o pôr do sol de novo," respondeu Luana, seus olhos brilhando com um misto de esperança e amor. A lembrança de um pôr do sol compartilhado, um momento de paz em meio à guerra, era uma motivação poderosa.

A equipe da resistência se preparou rapidamente. Equipamentos foram ajustados, armas verificadas e o plano revisado. Tiê, Cris e Luana se deslocaram pelas ruas desertas, evitando patrulhas com movimentos silenciosos e precisos. Nilo, em um local seguro, monitorava o tráfego de comunicação do governo com uma habilidade impressionante.

Kai, por sua vez, grafitava mensagens de resistência nos muros da cidade, espalhando esperança e coragem. As palavras "Liberdade" e "Resistência" brilhavam em cores vivas nas paredes cinzentas, uma declaração de desafio e esperança. Kai estava concentrado, sentindo a adrenalina correr pelas veias enquanto criava suas obras-primas. Cada traço de tinta era uma mensagem para a população: não desistam.

Tiê, Cris e Luana posicionaram-se estrategicamente em pontos-chave ao redor do depósito de comida. A tensão era palpável. As cestas básicas, carregadas em caminhões, começaram a se mover sob a luz fraca da lua

encoberta pela poluição. Tiê, com precisão cirúrgica, coordenou a operação. Cris preparou-se para o confronto, enquanto Luana ajustava os dispositivos de interferência.

A operação estava em andamento, e tudo parecia seguir conforme o plano. De repente, um policial apareceu, segurando Tiê pelo braço. O coração dela quase parou. Mas antes que pudesse reagir, Cris se aproximou rapidamente, a preocupação em seus olhos se transformando em reconhecimento.

"O que você está fazendo aqui?" perguntou Cris, tentando manter a calma.

O policial, um homem alto e de expressão séria, olhou para Tiê e depois para Cris. Então, em um movimento rápido, puxou Cris para um abraço.

"Desculpe o susto," disse ele, a voz suavizando. "Sou eu, Marco. Temos que ser rápidos."

Marco, um infiltrado na polícia, era namorado de Cris e um aliado crucial da resistência. Ele guiou Tiê e Cris com eficiência, desviando dos obstáculos enquanto Luana mantinha a vigilância.

Com a ajuda de Marco, conseguiram interceptar os caminhões e capturar os recursos. Com movimentos rápidos e eficientes, levaram as cestas básicas para o abrigo, onde seriam distribuídas posteriormente.

Ao chegarem ao ponto de encontro combinado, perceberam a ausência de Kai. O alarme ecoava na mente de Tiê e dos outros.

"Kai deveria estar aqui agora," disse Nilo, sua voz tremendo levemente com a preocupação evidente.

Dirigiram-se rapidamente a um dos locais onde Kai iria grafitar. A cidade, desolada e cheia de cicatrizes das mudanças climáticas, parecia ainda mais ameaçadora à noite. Chegaram a um beco onde encontraram latas de spray caídas no chão e o grafite incompleto na parede. A obra inacabada de Kai era uma visão perturbadora, as cores vibrantes interrompidas bruscamente.

"Kai... onde você está?" murmurou Tiê, seu coração apertado de preocupação enquanto observava a obra interrompida, um símbolo de esperança que ainda precisava ser completado.

A tensão aumentava enquanto se preparavam para o próximo passo, conscientes de que cada movimento poderia significar a diferença entre a vida e a morte para Kai. A resistência estava longe de terminar sua luta, e a ausência de Kai era um lembrete sombrio dos riscos que enfrentavam diariamente.